



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



OS ESTUDOS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO NA TRILHA DOS NOVOS (OUTROS) CURRÍCULOS

Wilson Marques Dias¹
Janete Rosa da Fonseca²

RESUMO: O presente artigo pretende fazer uma análise dos novos currículos que vão emergindo no contexto da educação pós-pandemia. Pretende conduzir o leitor à noção de articulação, ampla e distinta entre os campos do saber. Essa articulação é uma das tarefas mais importante dos Estudos Culturais no campo da Educação. Aliás, uma das contribuições mais significativas que os Estudos Culturais trouxeram para a Educação foi justamente reformular nossos ângulos de visão e leitura de mundo, reorganizar o pensamento e aguçar nossas lentes. Neste contexto, não é possível desvincular a noção de currículo, uma vez que ele é ferramenta importante para inaugurar um outro modo de ver e pensar a Educação. E como consequência disso, outros modos também de ver e pensar o Currículo e a pedagogia em nosso tempo. Através de um método analítico, traremos para a discussão alguns autores como: Marisa Vorraber Costa, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Tomaz Tadeu da Silva, Miguel Gonzalez Arroyo, Lawrence Grossberg. Com esses teóricos, levantaremos a questão: quais são as contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre Currículo? Será feito uma revisão dessas pesquisas, nas trilhas dos novos currículos.

Palavras-chave: Currículo. Educação. Estudos Culturais. Pedagogia.

INTRODUÇÃO

A palavra “Currículo” do ponto de vista etimológico, o termo currículo vem da palavra latina *Scurrere*, correr, e refere-se a curso, à carreira, a um percurso que deve ser realizado, um caminho que deve ser percorrido³. Assim, podemos dizer que a Educação seria a locomotiva que traz consigo todo o aparato do processo, seus sujeitos e pedagogias; e o Currículo, poderíamos dizer que seria os trilhos, que conduz esta locomotiva nos diversos percursos dos Estudos Culturais.

Sobre as definições e características do currículo, ARROYO (2015) nos diz: “Os currículos não são apenas conteúdos organizados por boas teorias e intenções ideológicas, são

¹ Mestrando em Estudos Culturais pela UFMS. Graduado em Filosofia. Graduado em Teologia. Graduado em Pedagogia. Especialização em Educação Especial pela UFMS. Professor de Filosofia para o Ensino Fundamental II Professor, de Sociologia para o Ensino Médio. wilson.marques@ufms.br; <https://orcid.org/0000-0002-6454-5195>

² Pós-Doutora em Neurociência e Aprendizagem pela FURG. Pós-Doutoranda em Educação pela UCDB. Doutora em Educação. Mestre em Estudos Culturais. Orientadora desta pesquisa. janete.fonseca@ufms.br

³ MICHAELIS: minidicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000. (pág. 167)



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



grades estruturantes de conhecimentos e do trabalho docente que pressupõem uma base material, um sistema” (Arroyo, 2015, p. 53). E ainda, sobre as definições do currículo, ele nos diz:

O currículo tem sido um espaço de ocultamentos, de apagar suas existências e seus conhecimentos aprendidos em sua resistência. Ao chegarem às escolas não reconhecem nos currículos e no material didático suas identidades sociais, políticas, éticas, estéticas culturais (Arroyo, 2015, p. 66).

O currículo, também pode ser entendido como um conjunto de valores e práticas que proporcionam a produção, a socialização de significados no espaço social e contribuem intensamente para a construção de identidades socioculturais. Configura-se também como uma ferramenta importante que abrange as experiências de aprendizagens implementadas pelas instituições escolares e que deverão ser vivenciadas pelos estudantes. Nele estão contidos os conteúdos que deverão ser abordados no processo ensino aprendizagem e suas metodologias.

Extremamente importante para a construção de novos sujeitos no ambiente escolar, sobretudo no contexto pós-pandemia, em que as identidades estão fragmentadas, os currículos vigentes já não correspondem mais com a realidade, por isso a dificuldade de se trabalhar com os referenciais curriculares dos sistemas de ensino. Há um choque de realidades, porque o currículo é um e a realidade já é outra. Seguir o currículo torna-se um grande desafio para docentes e discentes.

Neste sentido, SILVA (2011) nos diz que o currículo e a identidade social são territórios contestados, uma vez que precisamos indagar quem elaborou o currículo e, diante do contexto, qual sujeito de pretende construir, e ainda, qual sujeito está sendo construído. Assim, ele nos afirma:

O currículo, ao lado de muitos outros discursos, faz-nos ser o que somos. Por isso, o currículo é muito mais que uma questão cognitiva, é muito mais que construção do conhecimento, no sentido psicológico. O currículo é a construção de nós mesmos como sujeitos (Silva, 2011. p. 191).

Novos tempos, novas identidades, novos sujeitos exigem a desnaturalização de discursos, de teorias e de disciplinas instaladas no currículo e no bojo do ambiente escolar e educacional. Essa desnaturalização possibilita a emergência de novos currículos, que precisam ser interpretados, discutidos e inseridos nessas novas trilhas que vão emergindo, sobretudo sob a ótica dos Estudos Culturais.

Neste contexto, percebe-se a importância de pensar e problematizar o currículo. “O currículo condiciona as práticas docentes e discentes. Condiciona o direito à educação, ao



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



conhecimento, aos valores, à cultura dos educandos/as que frequentam as escolas” (Arroyo, 2015, p. 49). Tudo o que é dito e visto, vão nos constituindo, nos moldando. Assim como os sujeitos, as identidades também vão sendo constituídas histórica e socialmente. Esta construção se dá através de poderes e de saberes, através da estruturação de um currículo. Por isso, os Estudos Culturais enfatizam a necessidade de problematizarmos o currículo.

Podemos ser questionados acerca de o porquê privilegiar o currículo. Acerca dessa questão, poderíamos dizer que, examinar aquilo que faz com que sejamos o que somos, abre possibilidades de mudanças. Em tempos de mudanças, é importante identificar quem somos, o que queremos e o que podemos ser. É importante identificar, sobretudo no ambiente escolar, quais sujeitos estamos produzindo e quais sujeitos queremos produzir. Dialogando com ARROYO (2013), ele nos concede outra resposta, dizendo:

O movimento docente abrindo fronteiras de lutas por direitos tem sido nas últimas décadas o conformador de novas identidades e autoimagens profissionais. Uma história que merece ser narrada com orgulho a nós mesmos e às gerações de mestres e educandos que vão chegando. Essa história continua sem resposta nas escolas com novas tensões diante de tantos controles que vêm do neoconservadorismo político e gestor, e diante de nossas respostas políticas. Nosso ofício de mestre se concretiza aí no espaço da sala de aula e no território do currículo onde inventamos resistências. Novas fronteiras por novos direitos (Arroyo, 2013, p.10).

E ainda:

Persegue-nos a ideia de que esses dois movimentos, de um lado reencontrar nossas identidades profissionais e, de outro, tentar dar conta das artes de conviver, educar, ensinar infâncias-adolescências tão quebradas pela desordem social, tem sido os dois movimentos que mais têm tencionado nosso trabalho nas salas de aula e nossa luta como professor(a) e como coletivo docente (Arroyo, 2013, p.11).

Exercendo uma influência cada vez maior nas análises da escolarização, os Estudos Culturais questionam quais sujeitos as teorias do currículo estão formando, tendo em vista as múltiplas culturas e identidades no contexto atual. Questionam qual a identidade dos sujeitos, seria cultural ou social? Mergulhamos neste mar de possibilidades identificando as lutas simbólicas e discursivas. Para os Estudos Culturais, a cultura deve ser resignificada, para que possamos questionar os conflitos e desigualdades gerados por ela. O ponto de partida é trilhar pelos novos (outros) currículos emergentes.

O contexto atual exige a construção de currículos que traduzam as novas concepções identitárias, novos conhecimentos, novos valores e suas articulações com as culturas locais.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Isso possibilitará a elaboração desses novos currículos, abertos à consciências de mudanças e que favorecem e fortaleçam a diversidade de culturas, identidades e universos simbólicos. Vamos trilhar por este cenário!

OS ESTUDOS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO NA TRILHA DOS NOVOS (OUTROS) CURRÍCULOS

Os Estudos Culturais é um campo que abarca outros campos do saber. Este campo posiciona-se ao lado das teorias pós-críticas do currículo, um período da história marcado pelo pós-colonialismo e pelo multiculturalismo crítico. Sabemos que as transformações sociais, vividas no contexto pós-pandemia, impactaram significativamente as teorias do currículo. Por isso, é importante compreender como operam as políticas curriculares. “Os Estudos Culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder” (GIROUX, 1995, p. 83).

Revestidos pelos Estudos Culturais e trilhando pelo território da Educação, percebemos certa resistência em fazer essa articulação. Em algumas linhas de pesquisa acredita-se que os Estudos Culturais sejam um campo voltado às questões históricas. Entretanto, percebemos que os Estudos Culturais é interdisciplinar, não se prende a apenas uma linha de pesquisa e que transita por todas as áreas do conhecimento, e é sua característica problematizar os diversos campos do saber. Concordamos com Henry A. Giroux quando nos diz:

Essa resistência se deve à crítica que os Estudos Culturais dirigem à Educação. Para os Estudos Culturais, a educação gera um espaço narrativo privilegiado para alguns/algumas estudantes e, ao mesmo tempo, produz um espaço que reforça a desigualdade e a sua subordinação para outros/as. Corporificando formas dominantes de capital cultural, a escolarização frequentemente funciona para afirmar as histórias eurocêntricas e patriarcais, as identidades sociais e as experiências culturais dos/as estudantes de classe média, ao mesmo tempo em que marginaliza ou apaga as vozes, as experiências e as memórias culturais dos/as assim chamados/as estudantes da “minoría”. (GIROUX, 1995, p. 84).

Essa crítica levantada por GIROUX (1995) nos impele a trazer para o diálogo a questão do Currículo. Vejamos, no período do pós-estruturalismo, a realidade é uma produção discursiva, ou seja, uma produção de significados, intrinsecamente marcado pelo aspecto cultural. Os Estudos Culturais afirmam que nas relações sociais a cultura está no centro. E todas as culturas devem ter seu espaço no Currículo. Consequentemente, as mudanças históricas nas



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



noções de cultura implicam certamente em mudanças na noção de Currículo. Senso assim, o Currículo deixou de ser uma questão meramente técnica e se transformou numa questão política, isto é, deixou de ser algo operado a partir de uma racionalidade e passou a ser uma produção discursiva.

Podemos dizer que toda prática social é cultura. Portanto, é importante lembrar que, para os Estudos Culturais, o currículo é em si mesmo um artefato cultural, ou seja, uma produção da cultura. E neste aspecto, os Estudos Culturais, assumindo uma postura pós-crítica do currículo, apresentam uma reação à noção elitista de cultura. Realizar os Estudos Culturais é promover uma análise cultural, é realizar estudos de currículo.

No currículo está presente o conhecimento e a cultura, e a primeira questão que os Estudos Culturais nos apresentam é quais conhecimentos e culturas fazem parte dos currículos de formação e das escolas e, conseqüentemente, quais conhecimentos, culturas, valores e sujeitos vêm sendo produzidos. Diante dessa temática de pesquisa, os Estudos Culturais posiciona-se diante do Currículo na tentativa de abrir espaço para a consciência de mudança, analisando as práticas e políticas educacionais, destacando o que já está estruturado e os conflitos que emergem a partir de uma nova configuração social.

Os currículos de formação e de educação básica têm a obrigação de incorporar essas histórias desses processos que continuam atuais, persistentes de destruição material do viver, de desterritorialização, de inferiorização, subalternização que os movimentos sociais denunciam. [...]. Que desde crianças ao chegarem às escolas aprendam a saber-se em currículos que incorporem essa riqueza de conhecimentos, valores, culturas, identidades de que os movimentos sociais são sujeitos, produtores (Arroyo, 2015, p. 67).

ARROYO (2015) nos diz que essa consciência de mudança, de prática social em construção histórica deve ser incorporada nos currículos, uma vez que estes apresentam a síntese das concepções e práticas de educação e dos conhecimentos. Neste sentido, dialogando com ARROYO (2015), podemos dizer que os novos currículos devem ser inseridos nas práticas pedagógicas, e vice-versa, nossas práticas pedagógicas também devem abranger esses novos (outros) currículos. Caso não ocorra a incorporação de novos (outros) currículos, o processo educacional não ocorrerá de fato nas escolas, e os novos sujeitos que serão produzidos a partir dessa prática estarão fora da realidade social, como “alienígenas na sala de aula” (SILVA, 2011).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



É esse o nosso lugar de fala, o ambiente escolar. Os estudos culturais orientam o nosso olhar a partir deste contexto. A esse respeito, COSTA; WORTMANN; BONIN (2016) nos afirma:

Outra direção que adotam as pesquisas do campo dos Estudos Culturais quando tomam identidade e diferença como conceitos importantes é a de indagar sobre as políticas identitárias e a atuação dos próprios sujeitos nos “enredos” da representação. Nesse sentido, a pergunta sobre “quem fala e de que lugar?” tem orientado o olhar de pesquisadores e pesquisadoras [...] (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 530)

Neste ambiente, sobre o desafio de mudança, ARROYO (2015) nos fala: “Quebrar as grades, cercas do currículo não tem sido tarefa fácil” (ARROYO, 2015, p. 50). Outros conhecimentos devem ser integrados aos currículos. Entretanto, superar os obstáculos impostos por esse choque de realidades é um dos desafios das novas práticas pedagógicas, para que não sejam reproduzidas as formas de dominação e subalternização do passado. Por isso, a emergência de se refletir, problematizar e promover a intervenção na produção de outros currículos.

A escassez de intervenções na produção de Outros currículos para as escolas [...] tem motivado a escassez de análises teóricas sobre os currículos. Ou talvez a reformulação dos currículos escolares tenha sido secundarizada diante da urgência de investir política e teoricamente em fronteiras mais urgentes e mais prioritárias (Arroyo, 2015, p. 52)

O currículo, como espaço de poder e ideologias, é um dos instrumentos mais resistentes do sistema escolar, cercado e gradeado. As mudanças no currículo exigem estratégias de intervenções estruturais em suas instituições. Sabemos que o sistema de educação escolar tem sido mais do que escolar, tem sido um território de fortalecimento das estruturas de poder. Precisamos encontrar as “brechas decoloniais” como nos diz WALSH, 2016.

A crítica que ARROYO (2015) faz ao currículo vai justamente de encontro com a nossa pesquisa acerca do currículo em nosso contexto local. Sobre isso, ele nos afirma:

A história dos currículos das escolas tem mostrado que às crianças e adolescentes e jovens-adultos lhes são oferecidos currículos pobres em conhecimentos e em cultura e apenas medíocres em habilidades primaríssimas de leitura-escrita, contas, noções de ciências, porém fartos em bons conselhos moralizantes (Arroyo, 2015, p. 54).

O que está em cheque-mate neste tabuleiro é a efetividade do currículo. Em um contexto pós-pandemia, em que o isolamento social evidenciou uma série de conflitos sociais, econômicos e afetivos, um currículo engessado, que não corresponde à todos os conhecimentos,



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



todas as culturas, todos os valores e que não há lugar para as diversidades, torna-se infrutífero e insuficiente. Assim, deve-se levar os currículos a reconhecer a existência dos diversos conhecimentos e das diferenças.

Continua se afirmando a velha organização dos conhecimentos em uma base nacional comum a ser completada por uma parte diversificada ou que contemple as diversidades regionais e locais. Parte diversificada porque exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. As afirmações das diversidades sociais, étnicas, raciais, dos campos são apenas reconhecidas como contribuições para a base nacional comum do currículo e das disciplinas. [...]. Essa concepção e estrutura de currículo avançam no reconhecimento das diferenças, porém as reinterpreta como contribuições. Mas quem define o que contesta ou contribui na compreensão do núcleo comum e especificamente ao enriquecimento da história social, política, cultural de formação brasileira? Esse reduzir o reconhecimento das diferenças às contribuições termina ignorando e ocultando a produção histórica dos diferentes como desiguais, sua histórica segregação como trabalhadores, como classe, raça, etnia, camponeses. Ignora a destruição de suas culturas, saberes, identidades (Arroyo, 2015, p. 56).

O currículo vigente oculta e descaracteriza o processo de afirmações das diversidades sociais, étnicas, raciais e de classes, uma vez que cada uma dessas dimensões assimilou e reagiu de forma diferente às consequências do isolamento social provocado pela pandemia covid-19. Por conseguinte, será necessário aprofundar onde se localizam as resistências para a formulação de novos (outros) currículos que reconheçam a multiplicidade e a diversidade social em nossa história e contribua para a construção desses novos (outros) sujeitos.

Esses novos sujeitos, os quais apontamos aqui como Outros sujeitos, emergem no rol do pós-modernismo. Segundo GREEN e BIGUM (2011):

Em suma, estamos preocupados com a emergência do que estamos chamando de sujeito-estudante pós-moderno - isto é, com uma compreensão das populações escolares contemporâneas que considere a juventude como um sujeito exemplar do pós-modernismo. Em particular, estamos interessados em desenvolver uma melhor compreensão de um fenômeno que é cada vez mais visível nos debates atuais: a emergência de um novo tipo de estudante, com novas necessidades e novas capacidades (Green; Bigum, 2011, p. 204)

Preocupar-se com esses novos sujeitos, é preocupar-se com o Currículo. Por isso, os currículos devem proporcionar e favorecer o acesso aos diversos saberes, o que exige ir muito além de afirmar na base comum curricular uma formação genérica de sujeitos descontextualizados e que não conseguem superar os desafios provocados pela pandemia. Lutar por um currículo efetivo e contextualizado é lutar pela construção de sujeitos capazes construir



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



sua identidade em meio à pluralidade e multiplicidade de consequências afetivas, sociais, econômica, psicossociais, dentre outras.

Uma tarefa necessária na elaboração dos currículos de educação básica e de formação de professores/as será como superar concepções generalistas de cultura e concepções simplificadas de identidades culturais e como incorporar as culturas afirmadas pelos movimentos sociais, cultura do trabalho, da terra, das resistências e da libertação de que são sujeitos. A cultura tem estado ausente nos currículos de educação básica e de formação de docentes-educadores/as, ausente nos diversos cursos de educação superior” (Arroyo, 2015, p. 56).

O aspecto cultural deve sempre ser levado em consideração quando se fala em currículo e suas teorias. A ausência da cultura nos currículos tem influenciado diretamente nas práticas pedagógicas e nos processo de ensino e aprendizagem, provocando uma disparidade entre o ensinar e aprender. Nossa provocação é que precisa incorporar novas pedagogias nas práticas escolares, e para isso, se faz necessário rever a estrutura dos currículos vigentes, e fomentar a elaboração de novos (outros) currículos, que sejam mais inclusivos e que privilegiam a identidades culturais e a construção de novos sujeitos contextualizados.

Acerca dessas narrativas do currículo, SILVA (2011) nos diz:

As narrativas do currículo devem ser desconstruídas como estruturas que fecham possibilidades alternativas de leitura, que fecham as possibilidades de construção de identidades alternativas. Mas as narrativas podem também ser vistas como textos abertos, como histórias que podem ser invertidas, subvertidas, parodiadas, para contar histórias diferentes, plurais, múltiplas, histórias que se abram para a produção de identidades e subjetividades contra-hegemônicas, de oposição (Silva, 2011, p. 199).

Uma das propostas apresentadas, a partir dessa pesquisa, é a elaboração de currículos mais inclusivos e democráticos, avançar na construção de currículos das escolas mapeando como os documentos oficiais pensam os sujeitos afetados pelo isolamento social, provocado pela covid-19 e os excluídos do processo ensino aprendizagem o que chamamos aqui de “Outros”, que são os excluídos nas dimensões socioeconômicas, nas questões étnicas raciais, afetivas, psicológicas e sociais.

O conhecimento crítico lhes é prometido para superar o senso comum e para a sua elevação intelectual e cultural. Os conhecimentos dos currículos operam nesse cânone segregador, classista, de verdade. Uma função difícil de desconstruir ao lutar por outros currículos e por outros conhecimentos (Arroyo, 2015, p. 64).

A luta contra o domínio do conhecimento hegemônico não é tarefa muito fácil. É importante lembrar que os Estudos Culturais não pretendem suplantam os currículos, não apenas



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



criticar o domínio ou não do conhecimento hegemônico, mas, como já afirmamos ampliar nossos ângulos de visão e leitura de mundo, reorganizar o pensamento e aguçar nossas lentes. Na esteira deste processo, pensar outros (novos) currículos exigirá ter consciência do papel do conhecimento diante da resiliência cultural para a emergência de novos conhecimentos, novos saberes.

AS CONVERGÊNCIAS DOS CURRÍCULOS SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Sabemos que a Escola de Frankfurt teve início na Alemanha por volta dos anos 1940, assumindo uma postura crítica que denunciavam algumas estruturas de dominação política, econômica, cultural e psicológica da sociedade moderna. Com a mesma postura, os Estudos Culturais tiveram início na Inglaterra por volta dos anos 1970, estabelecendo um novo parâmetro de análise social, sobretudo pela negação da ordem estabelecida, pelo anti-positivismo, pela busca de uma sociedade mais justa e humana.

A partir dos anos 1990, os Estudos Culturais chegaram a América Latina, assumindo uma postura anti-colonialismo, anti-estruturalismo, anti-modernismo, posicionando-se de forma crítica diante dos valores culturais hegemônicos e suas estruturas de poder que subalterniza, exclui e oprime. No Brasil, os Estudos Culturais posiciona-se diante dos campos de lutas para validar significados, territórios de disputas pela significação.

Esses campos, significados e territórios desembocam no Currículo. O currículo é um recorte dos assuntos abordados aos quais precisam estar voltados para uma intencionalidade. É por meio dele que muitos grupos sociais, especialmente os dominantes, expressam sua visão de mundo, seus projetos sociais, suas “verdades”.

Sobre a importância de se estudar, refletir e analisar o Currículo, MEIRA (2020) nos diz:

Os primeiros estudos sobre a história do currículo foram publicados nos Estados Unidos da América no decorrer da década de 1970. A análise do cenário internacional demonstra a persistência desses estudos e a intensificação da produção acadêmica nos últimos dez anos (Meira, 2020)

O currículo, como território em disputa (ARROYO, 2013), tem sido instrumento de análise e temática de pesquisa dos Estudos Culturais devido às suas convergências epistemológicas. Segundo COSTA; WORTMANN; BONIN (2016) “Os Estudos Culturais adentraram o campo da Educação, no Brasil, na última década do século passado, e um dos



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



marcos iniciais dessa aproximação verificou-se em discussões sobre currículo” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 510). E ainda, sobre as contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo, as autoras nos dizem:

Esse autor também chama a atenção para o incremento da produção intelectual do campo do currículo, no Brasil, a partir dos anos 1990, ressaltando a contribuição de pesquisadores associados à UFRGS no que diz respeito à incorporação do pensamento pós-estrutural, especialmente de Michel Foucault, e dos Estudos Culturais (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 510).

Assim, podemos dizer que os Estudos Culturais inaugura um novo modo de conhecer e de pensar sobre as convergências do Currículo, abrindo novas perspectivas para os estudos neste campo. Os trabalhos iniciais dos Estudos Culturais em Educação movimentaram-se no âmbito de polêmicas discussões, “questionando a noção de ‘currículo oculto’ por se restringir à denúncia de certa face conspiratória do currículo, negligenciando exatamente ‘por quem’, ‘de quem’ ou ‘como’ um currículo oculto é ocultado” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 512).

E ainda, diante dessa problemática, as autoras nos provocam: “Interessa, na pesquisa, entender como um currículo poderia permitir que ‘os diferentes’ sejam visibilizados e posicionados como sujeitos que aprendem” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 526). Neste ínterim, o aspecto cultural amplia as possibilidades para pensar como o currículo investe, constitui, regula identidades e diferenças.

Ampliando ainda mais este campo do saber em seu contexto histórico, podemos dizer que os debates e estudos que abordam tópicos com implicações em questões curriculares tiveram início por volta dos anos 1995 (a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9394 é de 1996). Expandiu-se pelo Brasil, chegando ao nosso contexto através do Programa de Pós Graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGCult - UFMS), especificamente no município de Aquidauana, a partir do ano de 2017, tendo o curso sido aprovado em 2018 e em 2019 a primeira turma de Mestrado.

A respeito deste recorte temporal, COSTA; WORTMANN; BONIN (2016) nos diz:

A continuidade desses debates aparece no ano seguinte, em duas coletâneas: *Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos Estudos Culturais em Educação*, organizada por Silva (1995), e *Territórios Contestados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais*, organizada por Silva e Moreira (1995) (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 512).

E ainda:

Para os objetivos de nosso artigo, é interessante considerar os trabalhos mencionados até aqui por vários motivos. Em primeiro lugar, porque embora



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



a produção dos Estudos Culturais em Educação que, a nosso ver, mais vem repercutindo nas discussões e pesquisas sobre currículo seja aquela vinculada à vertente pós-estruturalista, [...]. Em segundo lugar, é também elucidativo, a nosso ver, sublinhar que a concentração, no Rio Grande do Sul, de pesquisas que expressam aproximações entre Estudos Culturais e estudos de currículo pode ser atribuída ao fato de ter sido em instituições desse Estado – e destacadamente na UFRGS – onde se verificou a entrada dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. [...]. Consideramos ser significativo e desejável que mais estudos sejam realizados nas demais regiões do país no sentido de dar visibilidade à produção acadêmica voltada ao tema (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 516).

No tear dessa cortina que se desenrola neste campo de pesquisa, os Estudos Culturais deram significativas contribuições às análises sobre Currículo. Emerge as discussões em nosso território, no município de Aquidauana, a partir do contexto da pandemia provocada pela Covid-19. Trazendo toda a história dos Estudos Culturais para o nosso contexto, queremos analisar e refletir sobre o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna.

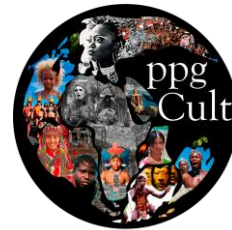
Esta análise e reflexão que esta pesquisa propõe pretende contribuir para a interpretação e superação dos desafios atuais impostos pela pandemia, que através do isolamento social, trouxe inúmeros conflitos para o contexto escolar, sobretudo no que se refere à prática pedagógica e à identidade dos sujeitos que lá estão. “A escola atua ideologicamente através de seu currículo”. (SILVA, 1999, p. 31).

Nesta contribuição, “o panorama até aqui esboçado sinaliza para numerosas e variadas movimentações intelectuais implicadas na aproximação entre Estudos Culturais e currículo” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 514). Diante deste processo de conceber o currículo como prática de significação e representação, precisamos desconstruir para construir. E esta não é uma tarefa muito fácil, para aquilo que já está posto, ou seja, o currículo vigente. Torna-se um desafio para quem está nos corredores da escola, interpretar o currículo vigente e executar os ocultos no ambiente escolar, principalmente com o aumento do tempo de permanência dos estudantes na escola.

A questão fundamental que salta diante de nós é saber quais conhecimentos devem fazer parte do currículo e que devem ser direcionados no contexto pós-pandemia. Cada tipo de conhecimento corresponde a um tipo de currículo, por isso, é pertinente analisar quais saberes são considerados importantes para merecerem estar no currículo e, conseqüentemente, qual a característica do currículo que está sendo executado, vivenciado.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Muitos autores dos Estudos Culturais, como COSTA; WORTMANN; BONIN (2016), já evidenciam essa questão de identidade e diferença, que constitui uma relação atrelada às relações de poder, que é resultante das disputas sobre quem tem o poder de narrar a identidade dos outros e marcar as diferenças presentes no contexto escolar e para além dos muros da escola. “O entendimento de que os sujeitos se formam em variáveis relações sociais, sendo a escola apenas uma das instâncias implicadas nessa formação, expande as discussões sobre currículo para múltiplas direções” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 523).

É nesse panorama que se constitui novas formas de se pensar o Currículo, suas convergências e deslocamentos, com profundas repercussões no campo pedagógico. Assim como as novas pedagogias emergem dos Estudos Culturais, emergem também a necessidade de se discutir e pensar o currículo. As configurações do Currículo, na construção dos contextos, têm importantes consequências sobre o modo com a realidade se organiza.

Essa temática de pesquisa vislumbra as configurações do currículo, que colaboram para produzir uma crítica da perspectiva eurocêntrica, que marca fortemente os currículos escolares silenciando e negando algumas situações que deveriam estar presentes no currículo. Assim, não haveria necessidade de Lei para forçar a presença dos povos originários e afro-brasileiros nos currículos.

Os Estudos Culturais nos ajudam a entender que o nosso olhar para outros grupos, para outras práticas, será sempre um olhar etnocêntrico, porque estamos lendo as práticas culturais de outros grupos a partir do nosso repertório cultural. Neste campo, não há análises neutras, uma vez que os Estudos Culturais tomam sempre partido aos mais fracos, excluídos e marginalizados, que formam os marcadores sociais da diferença.

Sobre esse assunto relacionado às diferenças culturais, Giroux (1995) vem nos dizer que:

Ao transformar a cultura num constructo central de nossas salas de aula e de nossos currículos, os Estudos Culturais focalizam os termos da aprendizagem em torno de questões relacionadas às diferenças culturais, ao poder e à história. [...]. Nesta perspectiva, tanto a construção do conhecimento curricular quanto a pedagogia fornecem um espaço narrativo para a compreensão e a análise crítica de múltiplas histórias, experiências e culturas. (GIROUX, 1995, p. 91).

O currículo nos fornece espaço para esta análise crítica de suas experiências. Ele tende a estabilizar as velhas identidades e estabelecer novas, assim ele pode ser percebido como “artefato cultural” (COSTA; WORTMANN; BONIN, 2016), porque trabalha com os



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



marcadores sociais da diferença, como raça, gênero e classes. Percebido desta forma, abre espaço para as problematizações atuais. O multiculturalismo busca questionar essas identidades que estão sendo construídas e propõe uma relação ampla para o que desejamos acerca dos marcadores sociais, ou seja, dar voz e vez àqueles que não as tem.

Por fim, nosso esforço é lançar um olhar atento para aquilo que difere, e não para aquilo que já vem sendo estudado em um período anterior à pandemia. O que propomos é um alargamento do sentido de Currículo, pois há perspectivas, há direções de estudos que se entrelaçam sob a inspiração dos Estudos Culturais no campo dos estudos de currículo, este é apenas um deles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso até aqui, nos faz perceber a importância de se pensar o currículo, uma vez que este precisa estar mais atento às vozes e às narrativas de grupos até então excluídos de participar de sua produção e criação, que tece nos corredores das escolas, mas, que reflete na vida social.

Trilhando por esses caminhos, percebemos que na medida em que modificam os contextos, modificam-se os percursos. À medida que o currículo vai se modificando, modificam-se também os conhecimentos e, conseqüentemente, os sujeitos. O currículo é pensado fora da escola, para ser aplicado na escola. Portanto, o conhecimento constituído na escola é um conhecimento curricularizado. Assim, pensar o currículo, é pensar quais conhecimentos estão sendo desenvolvidos na escola. Concluimos que em um contexto pós-pandemia, existem conflitos entre o conhecimento curricularizado e o conhecimento real (realizado), tal como ele é.

O currículo é uma construção social, uma produção de pessoas a partir dos pontos de vistas de cada um. Por isso, SILVA (2011) vai dizer que é um território contestado, porque ele não é neutro, nem universal, nem imóvel, mas é plural e dinâmico. E ainda sobre este assunto, GIROUX (1995) afirma: “Os Estudos Culturais também rejeitam a noção de pedagogia como uma técnica ou um conjunto de habilidades neutras, argumentando que a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política, poder e cultura” (GIROUX, 1995, p. 85). Contudo, seguindo o pensamento de SILVA (2011) e GIROUX (1995), há um choque de embates, de disputa, de valores e de poder, porque existem os conhecimentos que já estão presentes na escola, vivenciados pelo isolamento social (pós-



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



pandemia), e os conhecimentos que estão no currículo oficial, explícito. Ganha espaço neste campo o currículo oculto, que é caracterizado por conhecimentos do ambiente escolar que não estão presentes no currículo tido como oficial e explícito.

Concebendo o currículo como um processo dinâmico, é possível pensar em um currículo pedagógico e resiliente, ou seja, que se adapte e que se adeque ao contexto social e cultural no qual está inserido, no seu tempo e espaço, que vai se modificando, se transformando e se construindo. Um currículo resiliente precisa reconhecer o repertório cultural da comunidade no qual está inserido, criando espaço para outras práticas culturais, outras formas de conhecimento, outros sujeitos. Ele não pode fechar os olhos para os saberes que emergem a partir das comunidades, das escolas, das periferias e das fronteiras.

Os Estudos Culturais e a Educação na trilha dos novos (outros) currículos evidencia a problemática acerca da emergência de novas pedagogias e novas identidades no contexto pós-pandemia. Escancara o impasse entre a narrativa do currículo vigente e os novos sujeitos presentes no contexto escolar. Algumas tendências que assumimos não condizem com a realidade, provocando uma crise de identidade, um conflito social.

Contudo, é importante pensar em algumas possibilidades. Trazemos novamente as autoras COSTA; WORTMANN; BONIN (2016) para dialogar conosco:

Na intenção de pensar sobre as contribuições que as pesquisas desenvolvidas sob as lentes dos Estudos Culturais trazem para o campo do currículo, as discussões seguintes serão reunidas em três direções principais. A primeira diz respeito aos estudos que ampliam o espectro do olhar para os temas educacionais, realizando análises em variados espaços e instâncias culturais e indagando sobre a possibilidade de pensar em um currículo cultural. A segunda reúne pesquisas que focalizam políticas, programas, ações governamentais, indagando, por exemplo, sobre identidades, sujeitos e formas de governo colocadas em curso na atualidade. Por fim, a terceira reúne estudos que interrogam os currículos a partir do operador conceitual identidade e diferença e, assim procedendo, contestam representações eurocêntricas, indagam sobre o lugar das diferenças vistas a partir de marcadores como etnia, gênero, raça, sexualidade e classe (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 520).

E ainda, sobre a necessidade de se pensar um “currículo cultural”, elas nos dizem:

Inscrevem-se entre as primeiras movimentações intelectuais dos ECE que adentram o campo dos estudos de currículo, aquela que vai se referir à produtividade educativa de certo “currículo cultural”, noção nem sempre enunciada explicitamente mediante o emprego deste termo, mas que alude ao que se entende por currículo, agora desterritorializado de sua matriz enunciativa, com recurso a uma plêiade de palavras do campo da educação



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



como lições, ensinamentos, pedagogias, etc. (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 520).

A partir dessas abordagens, à luz dos Estudos Culturais, trilhando por estes outros currículos, decorrem a convergência e os cruzamentos das contribuições dessas teorias que se articulam neste campo do saber. Desse modo, essas abordagens nos permitem pensar um currículo entranhado com as discussões sobre pedagogias, culturas, identidades, diferenças e representações.

O currículo é espaço de questionamento das nossas representações sobre os “outros”. Quem incluímos na categoria nós e quem são os outros? O modo como concebemos a condição humana pode bloquear nossa compreensão dos outros. Por isso, é importante promovermos processos educacionais, não apenas no ambiente escolar, mas para além dos muros da escola, que nos leva a identificar e desconstruir nossas suposições contidas que não nos permitem uma aproximação aberta da realidade dos outros.

Precisamos falar mais sobre Currículo, precisamos reforçar esta articulação entre Educação e Estudos Culturais, não apenas nas escolas ou nas salas de aula, mas no campo da Educação como um todo, sobretudo nas Faculdades de Educação. Precisamos ampliar nossos horizontes de percepção e, se possível, mudar o ângulo de visão para democratizar a reflexão e nossas percepções.

Giroux (1995) vem nos dizer:

Os Estudos Culturais, portanto, levantam questões sobre conhecimentos que são produzidos nas universidades e como esses conhecimentos devem ampliar e aprofundar a vida pública democrática. Igualmente importante é a questão de como democratizar as escolas de forma a capacitar aqueles grupos mal representados no currículo ou simplesmente não representados a produzir suas próprias autoimagens, contar suas próprias histórias e se envolver num diálogo respeitoso com outros grupos. (GIROUX, 1995, p. 89-90).

Faz-se necessário pensar um currículo que nos permite questionar quais sujeitos pretende-se formar, quais sujeitos estamos formando; um currículo que nos permite o deslocamento na forma de entender esses sujeitos, sujeitos cognoscentes, racionais, “sujeito autônomo, com perfil ativo, propositivo e voltado à concretização de ideais democráticos” (Costa; Wortmann; Bonin, 2016, p. 523), através dos processos educativos que se desenrolam no espaço escolar.

É preciso reconhecer a multiculturalidade e a diversidade como elementos constitutivos do processo ensino aprendizagem. É preciso desconstruir para (re)construir. É preciso superar



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



os desafios, os pré-conceitos e preconceitos, para colher diferentes saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes visões de mundo.

4 - REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel G. **Os Movimentos Sociais e a construção de outros currículos**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 55, p. 47-68, jan/mar. 2015. Editora UFPR.

ARROYO, Miguel. G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia; BONIN, Iara Tatiana. **Contribuições dos Estudos Culturais às Pesquisas sobre Currículo: uma revisão**. Revista Currículo sem Fronteiras, v. 16, n.3, p. 509-541, set/dez 2016. Disponível em:

<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf>

Acesso em: 06/09/2023.

GIROUX, Henry. A. **Praticando Estudos Culturais nas Faculdades de Educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na Sala de Aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Vozes, RJ. 1995.

GREEN, Bill; BIGUM, Chris. **Alienígenas na sala de aula**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEIRA, Letícia Mara de. **Sobre a história do currículo: temas, conceitos e referências das pesquisas brasileiras**. Revista Brasileira de Educação, n. 25. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782020250051> Acesso em: 21/08/2023.

MICHAELIS: minidicionário escolar da língua português. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo e Identidade Social: territórios contestados**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



WALSH, Catherine. **Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais**. In: Candau, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. (p. 64-75)

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Cristina Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil**. Revista Educação (PUCRS. Online), v. 32, p. 32-48, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/1844> Acesso em: 09 abr. 2023.